

**MUDANÇAS NO VOCABULÁRIO PORTUGUÊS  
EXAMINADAS ATRAVÉS DO DICIONÁRIO DE LATIM<sup>21</sup>**

*Amós Coelho da Silva (UERJ)*  
[amosc@oi.com.br](mailto:amosc@oi.com.br)

**RESUMO**

**Compulsar o dicionário é uma operação complexa, bem distante do que o senso comum tem estigmatizado como prática de pessoas despreparadas, as quais, por essa razão, precisam tanto de um dicionário. Um curso de latim poderia ser mais bem aproveitado, se houvesse uma orientação técnica no domínio da consulta ao dicionário, ou seja, não basta a ordem alfabética das palavras, há múltiplas implicações na leitura de verbetes.**

**Palavras-chave:** dicionário; evolução histórica; etimologia.

**INTRODUÇÃO**

Mudança lingüística e suas conseqüências são objeto de estudo da lingüística histórica, lingüística diacrônica ou gramática histórica. É a apresentação dos fatos históricos internos da língua quanto às mudanças fonéticas, mórficas, sintáticas, semânticas e léxicas. Em 1786, Sir William Jones notou a semelhança de palavras entre o latim, o grego, o sânscrito e as línguas germânicas. Lançou, assim, a hipótese do comparativismo. Franz Bopp, em 1816, estabeleceu as bases científicas da existência da protolíngua indo-européia, que julgamos ter existido há três mil anos ou mais, talvez localizada nas cordilheiras do Cáucaso e Cárpatos, no Mar Morto e dispersa por migrações.

As mudanças há mais importantes são:

a) apofonia ou alternância vocálica: já ocorria no próprio latim. Quando se acrescia um prefixo a um radical, o acento deste prefixo alterava a primeira vogal do radical: in + art(e) > inerte; in + arma > inerme; bene + fac(ere) > benefício, beneficente... Podia ocorrer entre o grego e o latim, como marca indo-européia. Enquanto pé em latim é “pes, pedis”: donde, pedal, pedestre, pedante; em grego, é ‘pous, podós’, daí, pódio, trípode, antípoda... “Repúdio” se relaciona mais a

---

<sup>21</sup> Texto resultante do trabalho apresentado no I Simpósio de Estudos Filológicos e Linguísticos, promovido pelo CIFEFIL e realizado na FFP(UERJ), de 3 a 7 de março de 2008.

“pudor” do que a “pé” (Ernout & Meillet, 1985: **repudium**, -ii)<sup>22</sup>

b) no romance lusitânico ocorreu a seguinte evolução quanto aos ditongos:

1) “au” > “ou”: auru > ouro; thesauru > tesouro; lauru > louro; causa > cousa. A alternância de “au” para “oi” se deu já no português moderno, ou seja, após o poeta Camões, que é o marco inicial do nosso português atual; donde, as alternâncias cousa / coisa; louro / loiro... A forma “oi” é bem mais característica do português europeu. No Renascimento, foi reintroduzido o ditongo “au”, donde passamos a ter, por exemplo, a palavra causa exatamente como a forma latina.

Em latim, quando se acrescia ad, ex, in, re(d) ao radical de “causa” resultava em: o elemento “au” passar a “u”, **acusar** (com assimilação em latim do “d” para “c”: “ad” > “ac” > “accusare”); **escusar**, que significa *justificar, servir de desculpa*, é uma evolução de “excusare” e a forma *excusa*, que é *desculpa, evasiva*, é uma derivação regressiva de “escusar”); **incusare**” (não passou para o português); **recusar** (dentro do mesmo quadro fonológico de “acusar”).

Pelo que se leu acima sobre “au” passando a “ou”, podemos compreender melhor a evolução do perfeito indicativo: “amau(it), habui(t), capui(t) > \*amau, \*hauve, \*caupe (estes dois últimos por metátese) > amou, houve, coube.

2) “ae”, se pretônico, resultou em “i”: aequale > igual, aetate > idade; ou, se tônico, resultou em “e”: aestivu > estio (= sem chuva), aestimar(e) > esmar. Também este ditongo foi reintroduzido no Renascimento. Hoje, prevalece “estimar”.

3) passagem das oclusivas em posição de travar sílaba para “i” ou “u”: lectu > leito; octo > oito; actu > auto (lat. *actus,us* 'movimento, impulso, direito de passagem, ação, representação de uma peça teatral', substv. do adj. *actus,a,um*, part.pas. de *agere* 'pôr em movimento').

---

<sup>22</sup> Semble se rattacher plutôt à *pudet* qu'à *pes*, malgré l'homophonie de *tripudium*...

**Breves observações da formação histórica do nosso vocabulário**

A península ibérica, antiga Hispânia, era povoada por vários ocupantes. Assim, temos fenícios, daí, substrato fenício: *baía*, *barro*, *esquerdo* etc.; os celtas, que se instalaram há muito, daí, *cerveja* (origem inteiramente gaulesa), *carro*<sup>23</sup>; mas aí havia também colônia grega: *farol*, *guitarra* etc.; é claro que já existiam aí os iberos: *mata*, *mapa* etc. A latinização da Ibéria começam o séc. III a. C.: *regina* > *reia* > *reinha* > *rainha*; *sinu* > *senu* > *seo* > *seio*; *arbore* > *árvore*. Um exemplo de mudança semântica é o de *gato* (em latim: *cattus* – era a designação de espécie selvagem, mas quando foi domesticado, substituiu o termo *feles* / *faeles* / *faelis* ou *felis*, *is*. A influência foi egípcia, que dispunha deste animal como doméstico. O termo felino, d do adjetivo *felinus*, entrou em português somente em 1858.

No século V d.C. a Ibéria foi invadida pelos bárbaros germânicos: alanos, suevos, visigodos ou godos e vândalos, que, mesmo dominadores, adotaram o latim ibérico como idioma deles, mas deixaram sua marca: norte, sul, leste, oeste.

No século VIII, foi a vez dos árabes. Agora, sob o jugo sarraceno a população cristã viveu submetida aos princípios islâmicos. Os árabes não abriram mão de sua língua, mas o dominado se adaptou linguisticamente e passaram a falar um idioma que se denominou *al-jamia*, o romance dos moçárabes, ou seja, os que se sujeitaram ao domínio da civilização moura, ou árabe, ou ainda maometana; daí, os nossos arabismos: alfaiate, aldeia, oxalá (in sha Allá) – algarismo, califa e outras entram a partir da Idade Média, inclusive em toda a Europa. Os vencidos, abrigados nas montanhas das Astúrias, continuaram a lutar pelo terreno perdido. Um dos feudos formados com vitórias sobre os invasores árabes foi o Condado Portucalense, outorgado a D. Afonso Henrique, que proclamou a independência deste, cuja língua era o galego-português ou português arcaico (do s. XII ao XV). Os árabes só saem da Hispânia em 1492.

---

<sup>23</sup> O fonema /rr/ não havia, inicialmente, em latim, surge de assimilações diacrônicas /rs/ > /rr/: *ferse* > *ferre*. O sufixo de infinitivo arcaico era –se como comprova o verbo mais importante do latim *es-se* > *ser*, em português.

**Dicionários**

Os dicionários fornecem informações variadas sobre um léxico, apontando pronúncia, etimologia, categoria gramatical, definição, construção sintática com exemplos, etc. Sobre o radical, leva-se em conta 1) a polissemia, (quantos significados têm as palavras *linha* e *ponto*? Num estudo feito por Othon M. Garcia (2002: 176) tem cerca de cem significações.

Os campos semânticos, que permitem associações de idéias, conforme uma característica semântica, já que qualquer coisa tem que ser do reino animal, vegetal ou mineral, tem que ter tamanho, formato geométrico, tem que ter cor, etc.; daí, os problemas de homonímia e paronímia; a antonímia; a sinonímia; a expressividade (estilística) e a de linguagem figurada. Ainda sobre dicionários. Eles podem se imbricar, mas, em princípio, há as seguintes modalidades: a) de conceitos, de classificações de gênero gramatical e classes de palavras, sinônimos e antônimos; b) etimológico; c) analógico (verbetes relacionados com outros termos afins: mar: pélagos, oceano, peço; d) ortográfico; e) regime verbal e nominal; f) enciclopédias; g) especializados (em termos literários, lingüísticos, ou de áreas específicas, medicina, jornalismo etc.).

E NA LÍNGUA, NA QUAL, QUANDO IMAGINA,  
COM POUCA CORRUPÇÃO CRÊ QUE É A LATINA  
(LUÍS VAZ DE CAMÕES, OS LUSÍADAS, CANTO I, 33)

Como resultado das Grandes Navegações: africanismos: ango, moleque etc.; asiáticas: azul, bambu etc. Empréstimos às línguas modernas: do francês: avenida, chefe, trem etc.; inglês: bar, bife, bonde etc.; italiano: confete, grotesco, serenata etc.; alemão: cobalto, manequim, valsa etc. Os tupinismos (indianismos) complementam significativamente o nosso dicionário português.

Mas todo vocábulo que doravante entrar em português, terá como subsídio ou aporte subalterno às regras fonéticas enraizadas historicamente no latim vulgar. Houve redução dos temas nominais de cinco declinações para três, passamos a ter em português, por essa razão, as três vogais temáticas *a*, *e* e *o* átonos finais:

- em *a*: *rosa*, *poeta*, *terra*, *abelha* (< *apicula*, que era diminutivo

de *apis*, *-is*. O diminutivo era preferência geral no latim vulgar. Daí, *auris*, *-is*, *orelha*, *ouvido* tem como diminutivo *auricula* > *orecla* > *orelha* (cadeia evolutiva ao longo de muitos anos, aqui simplificada, por razões didáticas). Algumas formas latinas foram retomadas, exatamente como procederam os renascentistas do século XVI. Assim, re-latiniza-se o português pelo elemento latino *api-*, (*apiário*, *apicida*, *apícola*, *apicultor*, *apicultura*, *apicultural*, *apídea*, *apídeo*, *apífilo*, *apifobia*, *apifóbico*, *apífobo*, *apiforme*, *apífugo*, *apíneo*, *apiômero*, *ápis*, *apisina*, *apisinacção*, *apisinar*, *apiterapia*, *apiterápico*, *apívoro*), conforme Houaiss Eletrônico. Retoma-se a forma latina *auricula*, acentua-se *aurícula* como era a pronúncia latina clássica e temos uma proparoxítona. O que destoa do latim vulgar que se fixou em paroxítonas. Por causa da mudança do acento, uma palavra latina muda de forma. Assim, se o latim vulgar tomasse emprestado um termo de outro idioma, como *parabolā*, *ae* (quando a penúltima for breve, a palavra será proparoxítona), do grego ‘*parabolé*’, o acento do latim prevalece para evolução do termo. Assim, “*parábola*” historicamente passou à forma “*palavra*” devido à perda da acentuação proparoxítona, como nas anteriores. A nossa atual “*parábola*” é uma erudita. Vem do latim clássico.

O acervo do latim vulgar consta de uma lista não muito grande. O nosso dicionário assume certo volume é com empréstimos ao latim clássico. Tais empréstimos são vocábulos eruditos. Sofriam adaptação apenas no final da palavra, como *recuperare* > *recuperar* (ao lado de *recobrar* que é uma evolução do elemento *recuperare*, cujas modificações foram chamadas indevidamente leis fonéticas. O vocábulo semi-erudito é o que ganha circulação nos meios de comunicação.

- em *e*: *dente*, *mar*, *mal*, *sal*... Este grupo em *e*, em algumas palavras, a vogal temática só há no plural. Outros exemplos: *patre* > *pai*, *madre* > *mãe*, *boue*<sup>24</sup> > *boi* (por isso, *bovino* – uma palavra semi-erudita, em latim: *bos*, *bovis*), *cane* > *cão* (*canino* – outra semi-erudita, em latim: *canis*, *canis*)

- em *o*: *aluno*, *mundo*, *copo* etc.

Nos empréstimos *vitrine*, *avalanche*, *garage* – do francês, deveria ser em português: *vitrina*, *avalancha*, *garagem* (como *personnage* > *personagem*). A tradição prevaleceu e usamos *vitrine*, *avalanche* e

---

<sup>24</sup> Não existia propriamente a letra “v” em latim.

garage, às vezes, garagem. O deus da mitologia grega ‘Poseidôn’, no ditongo grego -ei- > -i-, deveria passar para Posídon, ‘éidolon’ > ídolo (porque em latim é “idolon / idolum”). No caso da divindade, a tradição impôs várias possibilidades.

Então, devido à latinização do século XVI, ou seja, o Renascimento tinha por característica principal a imitação do mundo greco-romano clássico, temos outra possibilidade de uma renovação e ampliação de nosso vocabulário: sufixação, prefixação e composição com radicais.

### **Prefixação**

Na evolução das preposições latinas para o português, houve uma diminuição do seu número para dezessete em português. Como em latim clássico, as preposições atuavam também como prefixos, com a latinização portuguesa recuperamos uma parte da perda de prefixos latinos. O uso deste afixo se dá no início do vocábulo e pode ocorrer alteração no radical: per + meter (do latim, mittere) > permitir (porque fora formada no próprio latim: *permittere*) ou no prefixo: in + legal > ilegal, etc. Os prefixos, que são antigas preposições e advérbios do grego e do latim. Denotam movimento e situação no tempo e no espaço, como se verá abaixo, que se apresenta de modo bastante econômico para se memorizar com comodidade a lista completa dos prefixos:



Quanto ao **movimento** temos, por exemplo:

- 1 - para frente: **pro**jetar, **pro**gredir, **pro**jecto...
- 2 - para trás: **retro**ceder, **reg**redir, **re**ver...
- 3 - para dentro: **im**portar, **intro**jetar;
- 4 - para fora: **ex**portar, **ex**trair, por exemplo.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

5 - para baixo: *decair*, *catarata*...

6 – para o lado: *adjacente*, *parabólico* etc.

Quanto à **posição** ou **situação**, por exemplo:

1 – dentro: *intramuscular*, *introspectivo*;

2 - fora: *extraordinário*;

3 - embaixo: *subsolo*, *subchefe*;

4 - em cima: *superposição*, *supercílio*;

5 - contrária: *contraveneno*, *antipático*;

6 - dos dois lados: *ambidestro*, *anfíbio*, etc.

7- anterioridade: *prólogo*, *profeta* etc.

- NEGAÇÃO: *infiel*, *desleal*, *ateu*...

Exemplos dessa composição como relatinização do português:

1 -	Verbo	Subst./adj. -or	Subst.-ivus
<b>Formas simples</b> →	<b>premo, -is / pressi</b>	vago	vago
<b>*Cum- / co- / col-</b> →	<b>comprimo, -is/-pressi</b>	<b>compressor</b>	vago
(em português: comprimir / compressor / compressivo...)			
<b>De-</b> →→→→→	<b>deprimo, is / depressi</b>	vago	vago
(em português: deprimir / depressor / depressivo...)			
<b>Ex-</b> →→→→→	<b>exprimo, is / expressi</b>	<b>expressor</b>	vago
(em português: exprimir / expressivo / não há “expressor”, mas há expressivo)			
<b>In- / im- /il- /ir- /i-</b> →	<b>imprimo, is / impressi</b>	vago	vago
(em português: imprimir / impressor / impressivo...)			
<b>Pro-</b> →→→→→	vago	vago	vago
<b>Re-, red-</b> →→→→→	<b>reprimo, is/repressi</b>	<b>repressor</b>	<b>repressivus</b>
(em português: reprimir / repressor / repressivo...)			

\*antigo *com-*

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

2 –	Verbo	Subst./adj. -or	Subst.-ivus
Formas simples→	<b>pello, -is/pepuli /pulsum</b>	vago	vago
Cum-/com- /co→	<b>compello, -is/compuli</b>	<b>compulsor</b>	vago
(em português: compelir / compulsivo...)			
De-→→→→→	<b>depello, is/depuli</b>	<b>depulsor</b>	vago
(não há...)			
Ex-→→→→→	<b>expello, is/expuli</b>	<b>expulsor</b>	<b>expulsivus</b>
(em português: expelir / expulsor / expulsivo...)			
In- / im- /il- /ir- /i-→	<b>impello, is/impuli</b>	<b>impulsor</b>	vago
(em português: impelir / impulsor / impulsivo...)			
Pro-→→→→→	<b>propello, is / propuli</b>	<b>propulsator</b>	vago
(em português: propelir / propulsor / propulsivo...)			

Devemos falar em radical, e não propriamente em raiz, devido à complexidade de identificação de tal elemento. Quando Franz Bopp estabeleceu os fundamentos sobre o indo-europeu, propiciou um quadro de elementos hipotéticos comuns ao sânscrito, latim, grego e línguas germânicas.

O trabalho de Franz Bopp consistiu em fixar características fonológicas e sua base morfossintática dos ramos derivados da matriz indo-européia: sânscrito, grego, latim e grupo germânico. Estas línguas são classificadas como línguas flexionais. O grupo germânico será representado aqui apenas pelo inglês e alemão. O inglês de nossos dias não é mais uma língua flexional, do tipo sintético. Ao contrário, é bastante analítico, mas o nosso quadro só aborda o léxico.

As migrações dos indo-europeus que se deram para o ocidente, sul da Europa, foram realizadas pelo grupo celta, se fixaram na região do Lácio, na Itália: **oscas, úmbrios e latinos**. Uma outra migração em direção ao ocidente que nos interessa foi a dos gregos: **jônios, aqueus, eólios e dórios**, que tomaram o Peloponeso e ilhas como seus lares. Os gregos sobrepujaram intelectualmente o seu feroz vencedor: Roma. Introduziram no Lácio as artes: literatura, teatro, filosofia, mitologia etc.

Quadro fonético de R. G, d'Hauterive: /Obs.: Italiano e Espa-



*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

nhol (abrevie I E), dada a aproximação fonética, inclui português (P.):

I.E.P.	Scr.	Gr.	Lat.	Ingl.	Alemão	
p	p	p	p	f	f(v)	
t	t	t	t	th	d	
k	k(ou ç)	k	c	h	h	
k <sup>w</sup>	k(ou ç)	p (ou t)	qu	wh	w	
b <sup>l</sup>	b	b	b	p	pf	
d	d	d	d	t	z	
g	j	g	g	k	k	
gw	g(ou j)	b(ou d)	v qu (ou c)		k	
bh	bh	ph	f(e b2)	b	b	
dh	dh	th	f(e d2)	d	t	
gh	h	kh	h	g(ou y)	g	
g <sup>w</sup> h	gh	th (ou ph)	f (ou v)	w		
w	v	w	v	w	w (=geral)↓	
I.E	S.º.G.	Scr.	Gr.	Lat.	Ingl.	Alemão
*ped-	pé	pádah	pous	pes	foot	Fuss
*tre-	três	tráyah	treis	tres	three	drei
*kap-	cabeça	kapalam	kephalé	caput	head	Haupt
*k <sup>w</sup> -o	quem?	kah	póteros/tis	quis	who	wer
*dam-	domar	damitá	damazô	domare	tame	zähmen
*gen-	raça	jánah	genos	genus	kin	Kind
*g <sup>w</sup> en-	chegar	gámati	bainô	venire	come	kommen
*bher-	levar	bhárami	pherô	ferre	bear	Bahre
dhwer-	porta	d(h)várah	thura	fores	door	Tor
*ghes-	ontem	hyáh	khthes	heri	yesterday	gestern
*g <sup>w</sup> herm	calor	gharmáh	thermos	formus	warm	warm
_weid-	ver	veda	(w)eidos	videre	wit	Witz

1 – Aspiração: latim perdeu e o elemento **h** passou a símbolo etimológico. Em inglês **h** e alemão **hw-** terminou em **w**, desapareceu **h**.

2 – O **s** em grego > **h**, ou desapareceu: em lat. *septem* / em gr. *hepta*. Latim, **s** intervocálico > **r** (rotacismo), que está em alemão. O **s** subsiste: > **ss**: *hesternus* (de ontem) > \**hesi* > *heri*; causa < *caussa*. Fora *rosa*, *asinus*, *miser*, estrangeirismos.

3 – Grupos consonantais: **dt** e **tt**, em latim e germânico passam a **ss**: *vissum* > *visum* por *vid-tum*, de *videre* (*ver*); em gótico, *wissa*, eu sei, por *wit-ta*. Em grego grupo **dy**, **gy** e **gwy** > **z**: \**Dyeus* > *Zeus* ('*Dzeús*').

4 – **Semivogal**: em gr. o “**w**”, representado p/ digama **f**, desapareceu: *eidos* por *weidos* (forma, figura); o que sobreviveu em latim foi *videre*. Em inglês, “**w**” diante de consoante, está na escrita, mas não na pronúncia: *write* (escrever). **Vogais**: Latim, em compostas *c/*

prefixo, **a** e **e** breves > **i**; perante 2 consoantes > **e**: *ad-capio* > *accipio* e *acceptum*; *di-rego* > *dirigo* e *directum*.

Na passagem ao português o “**w**”, que no latim > quase sempre a **v**, na herança germânica > **g**: Wilhelm > Guilherme, Walter > Gualter. Nosso “gastar” < de *uastare*, por influência do germânico \**wOst-*, que se encontra no al. *wüst*, “deserto”, *verwüsten*, *desolar*, *arruinar*”. Em esp. o **f** > **h** > **zero**: *facere* > *hacer* > \**acer*, *filium* > *hijo* > \**ijo*. Há apofonia: 1) *populus* / *publicus*, *homo* / *humanus*; *maximus* – *maximus*, \**caputis* – *capitis*, *monumentum* – *monimentum* > port. *arc.moimento*.

\**kerd-*, coração; gr. &ϰ&ρ&δ&ρ&δ e &ϰ&ρ&δ&ρ&δ&ρ&δ&ρ&δ, lat. *cor*, *cordis* (apofonia) Família etimológica dupla: concórdia, discórdia, misericórdia... / cardíaco, cardiopatia... **k** indo-europeu > **h** em inglês: \**kerd-* > *heart* e em alemão *herz*. Francês (vale o latino): *coeur*, *écoeurer*; *cordial* (enjoar); *recors* (agente da polícia); *miséricorde*; *accorder*... Do latim corrente o francês > *courage* (< *coraticum*), veio para nós em coragem. Inglês ampliou com *accord*; *courage*... Há em italiano: *core*, *cordiale*, *concordia*, *ricordare* e espanhol: *corazon*, *cordial*, *recordar*, *concordia*.

\**kap-*(cabeça) gr. *kephalé* e lat. *caput*. Fr. > *chief*; *chapitre*, *achever*, *capituler*, *récapituler*, *capitaine*, *précipice*, *précipiter*... “Acabar”, “achever” do lat.\**accapare*, é do romance ibero (esp. *acabar*). *Caudillo* de *capitellu* (cabecinha, chefe); ing., *head* e no al. *haupt*, cf. quadro. Sto. Isidoro (séc. VII), *Etymologiae*: “*Capitulum*” é *pq. dizem capitulare. Do mesmo cappa, ou pq. tenha letras geminadas (ou longa em cA) como a letra kappa, ou pq. seja enfeite da cabeça*.

\**bha-*, falar, gr. *phemi*, eufemismo apofonia lat. *fama* Daí: 1- *for*, *fari* –falar; *facundia*, eloquente; *fabula* – narrativa; *affabilis*; *ineffabilis*. *Infans* (não fala) *infantil*, *infante* em português; *gerundivo fandus*, *infandus*, *nefandus* (=abominável). Verg.II, 3: *Infandum, regina, jubes renovare dolorem*. 2 – *fatus*: *praefatio* (se fala antes); *fatum* (o falado); *Fata* (deusa do destino); *fatalis* – fatal; *fatidicus*(*fatum* + *dicus*). 3 – vem de \**fat-* < *fari*, daí *fatEri*, *fassus* – confessar; *profitEri*.

Os sufixos e prefixos latinos e gregos, bem como os radicais, compõem um inventário mensurável e econômico e favorecem ampla memorização do vocabulário português, como se pôde depreender acima na ampliação do vocabulário. Ao se dispor de afixo do tipo su-

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

fixo, que vem no final de um semantema, acrescenta-se uma idéia acessória com valor de grau (diminutivo: passarinho; superlativo: belíssimo etc. ou de aspecto: saltitar, voejar (iterativo), além de significação afetiva ou pejorativa (menininho, mulherzinha).

### **Composição**

Vocábulo resultante da reunião de outros. Na composição pode ocorrer variações que condicionam os radicais através de, por exemplo, crase (pernalta), contração (vinagre), encontros vocálicos (socioeconômico) e haplologia (tragicomédia). O latim, em relação ao indoeuropeu, havia perdido elementos lingüísticos, que estavam presentes ainda em grego. Dada a influência helênica, por exemplo, com Lucrecio, que notou que havia uma *rerum nouitatem, novidade de assunto* (*De rerum natura*, I, 139), entre os gregos, exigindo uma criação de neologismos para que se pudesse dar competência ao idioma do Lácio, superando a *egestatem linguae* (idem), *a pobreza da língua (latina)*; por isso, recriou um novo item de processo de formação vocabular, compondo em latim uma nova forma, que contém numa única palavra uma estrutura frasal, como era comum entre os gregos, como nestes três exemplos do livro I: *squamigerum* (v.162) (squamirger= squama + ger- – que leva escama sobre si); *siluifragis* (v.275) (siluifragus= silua + frag-, que quebra as árvores das florestas); *montiuagus* (v.403) (mons + vagus – que percorre as montanhas); *frugiferentis* (v. 3, frux, + fer-, produto de legumes) etc. Por analogia, surgirá, p.ex., *naufragium* (nau + fragus – quebrada), como forma vernácula, ou seja, sem ser estrangeirismo.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

CÂMARA JR., J. Mattoso. *Dicionário de filologia e gramática*. Rio de Janeiro: J. Ozon, s/d.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969.

DUBOIS, Jean et alii. *Dicionário de lingüística*. São Paulo: Cultrix,

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

1978.

FERREIRA, A. B. de Holanda. *Dicionário Aurélio eletrônico*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MARTINET, André. *Éléments de linguistique générale*. Paris: Armand Colin, 1970.

MELO, Gladstone Chaves. *Iniciação à filologia portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1968.

ROBINS, R.H. *Pequena história da lingüística*. Trad. Luiz M. M. de Barros. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.

SILVA, Amós Coêlho da & MONTAGNER, Aírto Ceolin. *Dicionário latino português*. Rio de Janeiro: Ingráfica, 2007.

SILVA NETO, Serafim *Manual de filologia portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença, 1977.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.